

presidente da Província, ocupando várias vezes a presidência; a Baronesa de Itapura, senhora também de grande generosidade; Carlos Egídio de Souza Aranha, moço fidalgo da Casa Imperial; Joaquim Carlos Egídio de Souza Aranha, cavaleiro de Malta; Olavo Egídio de Souza Aranha, senador e secretário de Estado; Oswaldo Aranha, ministro de Estado; Ciro de Freitas Vale, diplomata; Carlos Norberto de Souza Aranha, deputado; Antônio Carlos do Amaral Lapa, grande benfeitor da Santa Casa e promotor da fundação do bispado de Campinas; Luís Aranha, deputado; Paulo de Almeida Nogueira, deputado; Alfredo Egídio de Souza Aranha, deputado; Paulo Nogueira Filho, deputado e acadêmico; Marcelo e Tarcísio Damy de Souza Santos, cientistas; Paulo Nogueira Neto, professor e cientistas; José Bonifácio Coutinho Nogueira, secretário de Estado; Olavo Egídio Setúbal, banqueiro e prefeito de São Paulo; Lafaiete Álvaro de Souza Camargo, prefeito de Campinas; e mais outros numerosos descendentes em Campinas, São Paulo e outras cidades do País.

*
* *
*

TRANSCRIÇÃO

O RIO VISTO POR UM AMERICANO EM 1835

José Gonçalves Salvador

Em meados de agosto de 1835 desembarcava do navio “Nelson Clark” no porto do Rio de Janeiro o cidadão estadunidense Fountain E. Pitts. Demorar-se-ia na capital brasileira apenas o suficiente para conhecer as condições locais e a situação do País, em vista dos objetivos de que fora incumbido. De fato, aqui permaneceu por duas semanas, observando, conversando com pessoas de língua inglesa e visitando um que outro logradouro público, a exemplo do Jardim Botânico, cuja variedade de plantas admirou, e também igrejas. Certo negociante britânico, mencionado pelo nome de Mr. Thornton, e residente nos arredores da cidade, proporcionou-lhe alguns passeios e lhe forneceu muitas das informações desejadas.

Ora, sendo a estada do ilustre visitante de curta duração, muita coisa, certamente, lhe escapou aos olhos, mesmo porque nas três breves missivas que nos legou não podia contar tudo. Estas falhas, entretanto, serão facilmente sanadas recorrendo-se à obra de seu patrício e confrade, Daniel P. Kidder, intitulada **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil**, de inestimável valor para o conhecimento da vida e costumes da nossa gente ao tempo da aclamação de

Pedro II. Todavia, as cartas de F. E. Pitts, ainda que lacônicas, revestem-se de interesse, quer por se tratar de documentos inéditos, quer por serem escritas no exato momento da passagem da Regência trina para a Regência única. Vivia-se, então, uma fase de incerteza e de lutas políticas, em vista de nossa incipiente Independência, ainda não consolidada, e da abdicação de D. Pedro I ao trono do Brasil. A constituição outorgada em 1824 já não atendia aos reclamos. Havia descontentamento nas províncias e o País corria o perigo de esfacelar-se à semelhança das colônias americanas da Espanha, ou de converter-se em uma federação. É quando surge como medida salvadora o Ato Adicional, a 12 de agosto de 1834, o qual permitiu a reforma constitucional e a ascensão do padre Diogo Antônio Feijó como regente único.

É nas duas últimas cartas, uma datada do Rio de Janeiro a 2 de setembro de 1835, e a outra de Buenos Aires a 30 de setembro, onde Pitts se externa a respeito do que viu e ouviu na capital do Brasil. A baía da Guanabara, como não podia deixar de ser, encantou-o por sua beleza e grandiosidade, parecendo-lhe um imenso lago crispado de graciosas ilhas. Ao passo que das margens despontam vilas florescentes, além da cidade de São Sebastião, centro por excelência do comércio exportador e importador. À entrada destaca-se um elevado monte de granito (Pão de Açúcar ?) e a umas cinquenta milhas a Serra dos Órgãos, visível a longa distância, em dia claro. E quanto ao porto escreve que nele se encontram navios de todas as nações da terra, talvez por força de expressão. Mas, na verdade, o Rio de Janeiro já desempenhava na época um papel de grande importância no comércio mundial, tanto assim que Daniel Kidder especifica as bandeiras que ali drapejam nos mastros, como sejam, dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Alemanha, da Espanha, da Bélgica, da Dinamarca, de repúblicas sul-americanas, e tantas mais.(1) O principal artigo de exportação é o café, que sabemos cultivado no vale do Paraíba e regiões circunvizinhas, fazendo-se o transporte para as embarcações por escravos negros. Estes, em magotes de dez a vinte, levava cada um sobre a cabeça uma saca pesando 73kg em média, conforme esclarece o mesmo Kidder, e enquanto o fazem, cantam em coro a fim de imprimir cadência, estímulos e rentabilidade ao trabalho que executam. Igualmente, nas ruas, a cada passo, se depara com algum africano, de um e outro sexo, carregando fardos, trouxas ou objetos. Pitts não se refere aos negros que perambulavam vendendo mercadorias por mandado dos seus senhores, mas viu-os com certeza, pois os cronistas o asseguram. A um daqueles, certo indivíduo já velho e tatuado perguntou o viajante americano acerca do Grande Espírito da sua terra nativa e o que sabia sobre o diabo, obtendo em resposta que o Deus de lá não é o mesmo daqui e que lá existem demônios por todas as partes.

(1) Daniel P. Kidder, **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil** (Rio de Janeiro e Província de São Paulo). São Paulo, Livraria Martins Editora, págs. 137.

A cidade de São Sebastião pareceu a Fountain Pitts algo estranha, inteiramente despida de chaminés, por supô-la, talvez, possuidora de fábricas. E o pior, as ruas apresentavam-se manifestamente sujas e os passeios muito estreitos, calçados toscamente, à maneira das vielas de Nova York. E não obstante, dizemos nós, tratava-se da nossa capital, a sede da monarquia e do parlamento, a atrativa Corte, onde as mais distintas famílias tinham moradia. A população orçava em 200 000 almas, quer no conceito de Pitts, quer no de Kidder, contando-se nesse total os estrangeiros, os quais ainda que em pequena proporção constituem uma parcela bastante significativa. As casas, no geral, são resistentes, pois construídas de pedras e tijolos e protegidas das chuvas por telhas onduladas. O autor das **Reminiscências de viagens** oferece, porém, outros detalhes, afirmando que os prédios raramente têm mais de três andares, mesmo nas ruas comerciais, e comumente todos apresentam a característica cor branca da argamassa que os reveste. (2) Os templos e conventos são de estrutura antiga, havendo dos primeiros uns vinte, profusamente ornados com imagens, pinturas, lampadários e relíquias, mas destituídos de bancos. O número de fiéis que os freqüentam é formado na quase totalidade pelo elemento feminino. A pompa de outros tempos, pelo que ouviu, decaiu muito, porquanto o próprio Catolicismo já não exerce a mesma influência. Inclusive o governo contribuiu para isso, limitando o número de sacerdotes e reduzindo o de procissões. Até há pouco as pessoas deviam ajoelhar-se quando passava uma delas, mas agora apenas se espera que tirem o chapéu. Outra decisão deveras singular do último imperador, ou seja de Pedro I, foi a da utilização do mosteiro de São Bento, transformando-o, a seguir, em arsenal do Estado.

Quanto à situação religiosa das comunidades estrangeiras, a nova Constituição, no seu artigo 5º, lhes faculta adquirir ou construir lugares para o culto divino, contanto que sem a aparência de igreja. Mas, não obstante isso, Pitts informa existir na cidade apenas um, ou melhor “uma pequena Igreja Episcopal Inglesa, a qual é atendida moderadamente” (3). Os alemães, contudo, aguardam a vinda de um pastor da Igreja Luterana para lhes pregar na sua própria língua, enquanto que os americanos e os ingleses desejam um ministro metodista. Também se espera outro da Seaman’s Friend Society, dos Estados Unidos, para dar assistência aos marinheiros, visto o grande movimento de navios no porto. Pitts constata, de igual modo, a existência de um notável interesse pelas Escrituras Sagradas, havendo até escolas que as tinham adotado, sobretudo as dirigidas por estrangeiros. Por onde se pode concluir que as modernas missões protestantes estavam em vias de penetrar no País.

(2) Idem, *ibid.*, págs. 46.

(3) Essa capela teve a sua pedra fundamental lançada em 1819, à Rua dos Barbonos; foi também o primeiro templo protestante na América do Sul.

O Brasil vive uma nova era de progresso e de liberdade, testemunhada pela livre circulação de toda e qualquer literatura, seja religiosa ou de outra natureza. Além do que, os prelos dão a público diversos jornais, uns diários, outros semanais. Enquanto uns tratam exclusivamente de política, outros se ocupam de literatura ou de matéria variada.⁽⁴⁾ Demonstra bem, igualmente, o novo espírito que sopra sobre a nação, o fato de que “o atual candidato à Regência, ainda que sacerdote, é decididamente a favor do casamento dos eclesiásticos”, referindo-se, sem dúvida alguma, ao padre Feijó. Realmente, já ao tempo em que ocupara a pasta da Justiça, o ilustre o homem público adotara uma série de medidas assaz avançadas, tais como a da concessão de certos direitos aos filhos bastardos, a proibição da importação de escravos etc. O Sr. Pitts enganou-se, porém, numa de suas afirmativas: Feijó a esse tempo já estava eleito, vencendo folgadoamente o candidato do partido governista. A posse do cargo é que não se dera ainda, por motivo de enfermidade, e só se efetivou a 12 de outubro de 1835.

Assim passa o missivista a tecer considerações acerca do governo. A nação tem a dirigi-la a Câmara dos Deputados e o Senado, ambos em sessão no momento, e cujos membros foram eleitos pelo povo de diferentes partes do Império. É um corpo que se impõe porque constituído de homens inteligentes. Daí também a razão por que o governo está realizando tanto progresso no comércio e nas artes e dando provas de liberdade em matéria de religião, a tal ponto que nenhuma outra nação católica se lhe pode comparar. Pelo que, diz Pitts, o Brasil é um excelente campo para se anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, devendo aproveitar-se a oportunidade sem demoras.

Fountain Pitts era ministro da Igreja Metodista Episcopal e ela o havia comissionado para examinar “in loco” as possibilidades da criação de missões no Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires, destinadas não apenas aos estrangeiros, mas também aos nacionais. Quanto ao nosso País antevimos que o seu parecer foi inteiramente favorável, resultando, em consequência, o envio pouco depois do Rev. Justin Spaulding e de Daniel P. Kidder.

São admiráveis as sugestões com que conclui a carta do Rio de Janeiro a respeito do pastor a ser enviado para cá. Diz Pitts, textualmente: “que ele venha imediatamente e comece logo a estudar a língua portuguesa. Que seja homem zeloso, paciente como Jó e praticante da verdadeira filosofia cristã. Que todas as suas preocupações sejam confiadas ao Senhor Jesus e que pregue sentindo o Espírito Santo no coração”. E na carta datada de Buenos Aires insere as seguintes expressões: “Que use mais de prudência na sua oposição à Igreja de

(4) Quando Kidder redigiu o seu livro editavam-se no Rio quatro diários, dois jornais trisemanais, seis a dez semanários e diversos outros periódicos. Dentre eles são mais conhecidos por causa das lutas políticas da época, *O Tamoio* e a *Aurora Fluminense*.

Roma do que de impetuosidade. Se for cortês e respeitoso para com a ordem estabelecida, terá liberdade para pregar sem ser molestado”.

(Do Suplemento Literário de “O Estado de S. Paulo”,
9-5-1971.)

*
* *

TEXTOS

(Sugestões para seminários)

COMO SE DEVE REGULAR E DISTRIBUIR A POVOAÇÃO NO BRASIL

(Veloso de Oliveira)

Ainda que muito convenha ao Estado multiplicar o número das cidades, vilas, lugares e aldeias, e aumentar quanto for possível, segundo as circunstâncias do país, a povoação em geral, porque dela procede a indústria e força da nação; não será jamais conveniente, antes sobremaneira prejudicial, que cada uma das cidades e vilas adquira tal grandeza e tamanha extensão, que as comodidades sociais, em vez de crescerem, fujam para sempre do seio delas.

Com efeito, as povoações demasiadamente grandes são massas enormes e contrárias à natureza, que ela procura por isso destruir a cada momento e de mil maneiras diferentes. Os males físicos manifestando-se por enfermidades extraordinárias, complicadas e absolutamente desconhecidas nos pequenos povos, as atormentam com inexplicável rancor; e os morais, de um caráter muito mais acre, resistem, como de propósito, à força e autoridade das leis, exigindo todos os dias novos e sempre ineficazes remédios: **Pensata la lege, pensata la malizia.**

Da união destes males resulta, sem dúvida, a necessidade de manter a povoação das grandes cidades com habitantes estranhos da sua natural produção e manifesto prejuízo dos campos, como se verificava em Lisboa, onde duas terças partes do povo pertenciam às províncias. Do mesmo princípio deriva ainda a outra necessidade mui funesta de novos estabelecimentos, a multiplicidade de agentes e administradores públicos; a dureza da polícia, o aumento das contribuições e invenções engenhosas de novos tributos, de que o Estado não tira o mais leve proveito; e a complicação, enfim, da máquina destinada a reger a nação. Estes males são inevitáveis, nem se podem remediar entre povos antigos e há muito estabelecidos em certos e determinados lugares. Como na verdade se